

A diversidade étnica na sociedade japonesa

A Fundação Japão e o Centro de Estudos Nipo-Brasileiros apresentaram, em 19 de outubro de 2018, o debate internacional ***Japão Atual: Migração Internacional, Diversidade Étnica e Cultural***. No evento, pesquisadoras de três países apresentaram o que há de mais atual em estudos sobre a diversidade no Japão.

Lili Kawamura (Brasil), Machiyo Kotani (Japão) e Anna Sera (Estados Unidos) apresentaram os resultados de seus estudos sobre a formação da sociedade multicultural no Japão, a partir do caso dos imigrantes brasileiros.

Com foco em questões como trabalho, educação e formação cultural a partir do fluxo de pessoas, as pesquisadoras abordaram as tendências sobre a presença dos brasileiros e outros grupos estrangeiros no Japão, revelando a dimensão cultural e social da diversidade étnica e esclarecendo o mito da homogeneidade na sociedade nipônica.

Confira, a seguir, uma síntese da apresentação **A DIVERSIDADE ÉTNICA E CULTURAL DO JAPÃO COM A MIGRAÇÃO DE BRASILEIROS**, da professora Lili Kawamura, da Unicamp.

JAPÃO ATUAL: MIGRAÇÃO INTERNACIONAL, DIVERSIDADE ÉTNICA E CULTURAL

A DIVERSIDADE ÉTNICA E CULTURAL DO JAPÃO COM A MIGRAÇÃO DE BRASILEIROS

Lili Kawamura¹

Unicamp

Pretendo contribuir nesse Seminário sobre diversidade étnica e cultural do Japão atual, com a migração de brasileiros para este país, baseada em pesquisas realizadas nos locais de vivência, desde o início do processo, em fins dos anos 80 e início dos 90 até a atualidade, sobre diferentes aspectos sociais e culturais, expressos em livros e artigos.

O Japão considerado homogêneo sob a égide nipônica está dando lugar à diversificação da população, com o contínuo ingresso de estrangeiros através das atuais migrações internacionais, sem considerar a composição diferenciada do povo desde os primórdios. A emergência do país como potência econômica e tecnológica mundial atraiu os olhares do mundo e ao mesmo tempo criou necessidades de mão-de-obra para seus empreendimentos em contínua e elevada expansão. Ao lado da presença anterior de coreanos, chineses, filipinos, bangladeshianos e outros da região asiática (Komai ,1995; Yokoyama, 1997; Oka, 1994), em fins dos anos 80 e início dos 90, passaram a entrar japoneses emigrados e descendentes fora do Japão, considerados equivocadamente culturalmente similares enquanto portadores da tradicional cultura nipônica no Exterior. A migração brasileira para o Japão trouxe impactos culturais desde o início, principalmente por acentuadas diferenças culturais, apesar das mesmas raízes étnicas, uma vez que inicialmente era permitido apenas o ingresso de japoneses e descendentes até a terceira geração.

¹ Doutora em Sociologia (USP); Livre-Docente em Educação (UNICAMP); Pesquisadora sobre Migrações Internacionais, com livros e artigos sobre Migração entre Brasil e Japão.

Foi professora livre-docente da UNICAMP; professora visitante da Universidade de Tsukuba, Graduate School (Latin American Studies); professora visitante da Universidade de Tenri e professora colaboradora da Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto.

A presente variedade de migrantes brasileiros no Japão vem alterar as discrepâncias culturais e sociais, sob novos parâmetros, que passam a incluir novas formas de inserção de brasileiros e outros latino-americanos na sociedade nipônica. Após 30 anos de migração, ocorreram mudanças nas condições de vivência, na (re)construção da identidade, imersão/dispersão cultural, formas diferenciadas de inserção no trabalho, na escola e na sociedade japonesa.

Se no início viviam individualmente no meio das comunidades japonesas, hoje estão em núcleos brasileiros espalhados por todo o país, com destaque de cidades como Hamamatsu, Toyohashi, Gunma, Toyota, dentre outras. Os núcleos de vivência se constituem em infraestrutura de atenção a brasileiros e outros latino-americanos, com supermercados, restaurantes, shopping centers, escolas, academias de ginástica, locais de lazer, shows, jogos relacionados com a cultura brasileira. Diferentemente do passado, quando os migrantes brasileiros se sentiam discriminados ao expressarem condutas adquiridas no país de origem, consideradas agressivas e incômodas na vizinhança nipônica, apesar da semelhança fisionômica, devido à mesma origem étnica.

Os espaços brasileiros no Japão podem ser considerados lugares “livres” para a expressão cultural dos migrantes, nos relacionamentos entre si, na organização familiar, nos padrões alimentares, religiosos, jogos, diversão, comemorações, festividades, escolarização e principalmente na expressão da linguagem. Os núcleos foram se multiplicando em várias regiões do país, criando-se assim espaços próprios, com uma dinâmica “sui generis”, bem diferente da sociedade japonesa envolvente. Seriam espaços semelhantes aos que Featherstone (1990) afirma sobre lugares específicos para extravasar as emoções contidas no processo racional da moderna organização social capitalista, como parques de diversões e similares. A particularidade dos espaços brasileiros é conter padrões de conduta trazidas do Brasil, os quais não exigem esforços de aprendizado da nova cultura local, com a expressão “natural” dos comportamentos internalizados desde a infância, o que não significa a simples transferência dos aspectos culturais do país de origem.

A interação do *background* trazido por migrantes com a realidade social e cultural de destino possibilita a expressão de novas formas culturais, decorrentes do amálgama de aspectos culturais de ambas as culturas, nem brasileira ou latino-americana, nem japonesa. Compreendem expressões do idioma nipônico acoplado à língua portuguesa (brasileiros) ou espanhola (peruanos e outros migrantes latino-americanos), bem como novas manifestações posturais, como curvar-se em reverência para falar no idioma de origem com seus interlocutores, além de condutas e comportamentos mesclados de aspectos de ambas as culturas.

Ainda na sociedade de origem, migrantes brasileiros e demais latino-americanos já entram no Japão com um banho cultural da tradição japonesa dos antigos imigrantes japoneses nesses países miscigenados com as culturas locais. Essa diversidade interfere diferentemente na (re)construção das identidades e na formação sócio-cultural dos migrantes no novo contexto de destino, levando a uma acentuada heterogeneidade entre os próprios migrantes.

A presença de migrantes brasileiros e outros latino-americanos contribuem, ao lado de migrantes de outras origens, em particular coreana, chinesa, filipina, de Bangladesh e outras, com a diversidade étnico-cultural da atual sociedade japonesa, que cresce continuamente com a elevada necessidade de trabalhadores estrangeiros pelo Japão.

Após uma acentuada diminuição periódica da migração de brasileiros e demais latino-americanos para o Japão, devido às crises de 2008 e a ocorrência de desastre nuclear no país em 2012, o processo vem sendo retomado com a recuperação da economia japonesa. A existência de uma prévia infraestrutura, com os núcleos brasileiros espalhados pelo Japão, permitindo uma familiaridade com espaços conhecidos dentro do país, vem facilitando a vivência dos novos migrantes brasileiros e afins. O crescimento dessas células brasileiras aponta a expansão de grupos sociais e culturais diferentes não assimilados na sociedade nipônica e que contribuem para diversificar a paisagem étnico-cultural do Japão atual.



De modo geral, no Brasil e em outros países latino-americanos, os descendentes de japoneses, mesmo mestiços, eram denominados “japoneses”. Ao migrar para o Japão, apesar da similaridade étnica, os descendentes eram identificados como “gaijin”, estrangeiros, não japoneses, levando-os a crises de identidade: no Brasil eram identificados como japoneses e no Japão como estrangeiros/brasileiros/gaijin, o que interferiu na re(construção) identitária.



Os próprios migrantes brasileiros se diferenciam entre si, pelas origens e maior influência cultural nipônica tradicional no Brasil, pela mestiçagem e condição social e econômica, embora no início da migração, os próprios brasileiros afirmavam ter a mesma condição social ao pisar no país de destino, como “dekassegui”. Pouco a pouco, os próprios migrantes se diferenciaram ao se tornarem proprietários de negócios brasileiros, chefes de equipes de trabalho em fábricas, filhos de migrantes nascidos no Japão, e assim por diante, embora a maioria ainda permanecesse como trabalhador braçal, em serviços rejeitados pelos japoneses.

Embora a vivência cotidiana dos migrantes esteja centrada nos núcleos brasileiros, delimitados com atividades próprias e isolados do contexto japonês, os moradores são influenciados pelo modo de vida nipônico, com inclusão de palavras, modos de agir, costumes em suas expressões. (Kawamura, 2000; HINATA, (1995). Essas influências na dinâmica da vivência dos migrantes no novo contexto interfere na (re)construção da identidade, nem japonesa, nem brasileira, peruana, ou outra nacionalidade latino-americana. Os migrantes brasileiros (e outros latino-americanos) expressam aspectos “sui generis”, sob novas formas culturais em constante mudança e diversidade dentro do próprio grupo da migração. A complexidade na formação cultural na migração aponta para uma heterogeneidade cultural e étnica entre os agentes do processo, rejeitando a visão homogênea dessa população migrante, o que contribui para acentuar a heterogeneidade da sociedade japonesa.

O período da migração, inclui um importante fator diferenciador relacionado com a presença das novas gerações constituídas por jovens, adolescentes e crianças, filhos (as) e netos (as) dos migrantes, inclusive já nascidos no Japão. Dependendo da formação cultural, as novas gerações apresentam identidades variadas, desde a brasileira, por influência da família e da comunidade, até a japonesa, como os nascidos no país e com formação cultural e escolarização nipônica. Evidentemente nem as identidades, nem a formação cultural se caracterizam como tipicamente japonesa ou brasileira, por influências no contexto sócio cultural vigente, com exceção dos nascidos e criados basicamente na cultura nipônica. A variedade na identidade e formação cultural das novas gerações geram novas questões no processo migratório e na vivência muitas vezes contraditória desses contingentes, especialmente pelo trânsito entre o país de origem e o de destino. Nessa dinâmica emergem problemas de identidade, nacionalidade e pertencimento a grupos sociais e culturais determinados. De sua parte, as novas gerações japonesas estão mudando rapidamente seu modo de viver, costumes, pensamentos, condutas e visão de mundo, acentuando a diversidade da presente população nipônica.

A presença de elevado contingente de brasileiros e outros latino-americanos, com núcleos de vivência constituindo uma infraestrutura para a fácil inserção de novos migrantes, permite o avanço migratório, especialmente com a contínua redução de mão-de-obra na população local, pela forte queda da natalidade e pela rejeição de trabalhos perigosos, sujos e repetitivos pelos trabalhadores japoneses. Ademais, a abertura do Japão a novos migrantes, em particular da vizinha Ásia, após a percepção das diferenças de idioma, comportamentos e demais aspectos culturais dos descendentes de japoneses emigrados, desconhecidos no início da migração, quando julgavam os descendentes guardiões da tradição nipônica no Exterior.

Contudo, a migração latino-americana para o Japão passa a depender de novos requisitos postos pelas empresas e governo, como conhecimento do idioma, dos costumes e dos processos de trabalho. Desse modo, a migração está pautada por limites que estão sendo colocados por políticas de fechamento a migração pela atual conjuntura internacional, por vários motivos sociais e políticos que não serão discutidos nesta apresentação.



BIBLIOGRAFIA

FEATHERSTONE, M.: Global Culture, Londres, Sage Publications, 1990

HINATA, N. : Além das Palavras, Japão, Associação Internacional de Intercambio Cultural, 1995

KAWAMURA, L: Para onde vão os Brasileiros?, Campinas, SP, Ed.Unicamp, 2a. ed. Revista, 2006

_____ : Nihon Shakai to Burajirujin Imin: Atarashii Bunka no Souzou wo Mezashite, Tokyo, Akashi Shoten , 2000

KOMAI, H.: Migrant Workers in Japan, Londres, N. York, Kegan Paul International, 1995

YOKOYAMA, T. ET AL. Samba no Mati Kara, Gunma, Oizumi, Jomou Shimbunsha, Japão, 1997

OKA, T.: Prying open the door : foreign workers in Japan, Contemporary Issues paper, no.2 , ACarnegie Endowment publication, 1994